



A interface entre o saber geomorfológico e a construção do conhecimento geográfico: efeitos do distanciamento do componente relevo e o espaço geográfico no ensino de Geografia*

Joerlan dos Santos Cardozo¹

© Geografia Grapiúna
2026



Este trabalho está
licenciado sob uma
licença [Creative
Commons Attribution
4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Aceito: 26/ 02/ 2026

RESUMO

Este trabalho discute a importância da Geomorfologia no âmbito do ensino de Geografia, considerando o papel do relevo nas dinâmicas do espaço geográfico. O relevo constitui um componente físico-natural essencial, implicando não apenas processos estritamente geomorfológicos, mas também a configuração do espaço geográfico. O objetivo deste trabalho é investigar a compreensão dos alunos acerca da relação entre Geografia e Geomorfologia na interpretação do espaço geográfico, na construção do conhecimento geográfico. A pesquisa foi desenvolvida no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, no município de Ilhéus-BA, por meio de observações, atividades didáticas e intervenções pedagógicas. Durante o estudo dos continentes Ásia e Europa, identificaram-se situações de distanciamento entre o conhecimento geomorfológico e geográfico, refletindo negativamente na compreensão dos discentes acerca dos atributos espaciais, os quais dependem da apreensão do relevo como elemento condicionante da produção do espaço geográfico. Para minimizar essas dificuldades, foram adotadas metodologias como oficinas e jogos didáticos, visando integrar conceitos e processos. Constatou-se que tais estratégias favorecem a participação ativa dos estudantes e contribuem para o estabelecimento de relações entre as feições geomorfológicas e a configuração espacial dos continentes. Assim, a experiência evidenciou a importância da articulação entre Geomorfologia e Geografia, destacando a necessidade de integrar elementos físicos e sociais no ensino.

Palavras-chave: Geomorfologia; espaço geográfico; oficina pedagógica; PIBID; educação geográfica.

Interface between geomorphological understanding and construction of geographical knowledge: effects of disconnection between landform component from geographical space in Geography education

ABSTRACT

This paper discusses the importance of Geomorphology within the scope of Geography education, considering the role of relief in the dynamics of geographic space. Relief constitutes an essential physical-natural component, involving not only strictly geomorphological processes but also the configuration of geographic space. The aim of this paper is to investigate students' understanding of the relationship between Geography and Geomorphology in the interpretation of geographic space and in the construction of geographic knowledge. The research was conducted in the context of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID), in a 9th-grade class of Elementary School, in the municipality of Ilhéus-BA, through observations, didactic activities, and pedagogical interventions. During the study of the continents Asia and Europe, situations of distance between geomorphological and geographical knowledge were

* Trabalho apresentado e publicado na condição de resumo nos Anais do X Encontro Nacional das Licenciaturas - ENALIC e IX Seminário Nacional do Pibid em 2025, realizado na Universidade de Brasília - UNB, Brasília, de 07 a 10 de dezembro de 2025.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROGEO) pela UESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5553-4854>. E-mail: jscardozo.progeo@uesc.br

identified, negatively reflecting on the students' understanding of spatial attributes, which depend on the understanding of the relief as a conditioning element of the production of geographic space. To minimize these difficulties, methodologies such as workshops and educational games were adopted, aiming to integrate concepts and processes. It was found that such strategies favor the active participation of students and contribute to establishing relationships between geomorphological features and the spatial configuration of the continents. Thus, the experience highlighted the importance of the articulation between Geomorphology and Geography, emphasizing the need to integrate physical and social elements in teaching.

Keywords: Geomorphology; geographic space; pedagogical workshop; PIBID; geographic education.

INTRODUÇÃO

A Geomorfologia é entendida enquanto ciência responsável pelo estudo das diferentes formas da superfície terrestre. Para tanto, o objetivo central da ciência geomorfológica é analisar e compreender as relações processuais (pretéritas e atuais) responsáveis por atribuir determinados modelados ao relevo (Cassetti, 1994). Assim, pode-se afirmar que as formas de relevo são a expressão espacial da superfície, sendo responsáveis pela configuração de diferentes paisagens morfológicas (Christofolletti, 1980).

Na educação básica, no âmbito do ensino de Geografia, a Geomorfologia aparece, geralmente, restrita à terminologia “relevo”, com enfoque no estudo do relevo e nos processos de criação e transformação de diferentes feições superficiais. Neste sentido, as noções voltadas ao relevo devem ser exploradas no estudo de diversos conteúdos que superam aqueles estritamente geomorfológicos, pois outras dinâmicas (como as fluviais, climáticas e, indiscutivelmente, as sociais) exigem uma apreensão do potencial da configuração geomorfológica para compreender diferentes processos e relações estabelecidas nos mais diferentes aspectos da paisagem.

É neste sentido que Silva *et al.* (2022) destaca que a relação entre a Geomorfologia e os conteúdos práticos deve ser explorada no ensino de Geografia, pois permite um entendimento abrangente e integral de dinâmicas espaciais. Do mesmo modo, Silva *et al.* (2013) reforçam a indissociabilidade da Geomorfologia com a Geografia, sustentando-se no pressuposto de que ambos os campos da ciência se dedicam ao estudo de aspectos e relações processuais que estruturam a paisagem e o espaço geográfico. Logo, compreender o espaço geográfico requer a apreensão das influências exercidas pelo relevo nesta dinâmica constante.

No entanto, a experiência vivenciada em uma turma do 9º Ano do Ensino Fundamental - Anos finais, do Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne, em Ilhéus-BA, durante o desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à

Docência - PIBID, no Subprojeto Geografia, evidenciou os dilemas enfrentados nos estudos continentais em função do distanciamento entre o conhecimento do relevo e a organização socioespacial de diferentes continentes.

Neles, a ausência das devidas associações entre o relevo e a produção do espaço geográfico na Ásia e Europa foi empecilho significativo, o qual dificulta significativamente o entendimento de diferentes atributos da organização social, territorial e econômica dos continentes. Tal problemática pode ser identificada não apenas pelas dificuldades constatadas, mas também pela forma como estes conteúdos são apresentados nos livros didáticos, os quais constantemente os fragmentam e os compartimentam, seja em diferentes seções do livro ou em diferentes séries de ensino.

Foi a partir da constatação dessas dificuldades que buscou-se desenvolver, juntamente com a docente supervisora, a aplicação de uma oficina pedagógica para auxiliar os discentes a superar estas dificuldades, tendo em vista que “A utilização de oficinas pedagógicas na sala de aula permite que se trabalhem diversos conteúdos que devem ser trabalhados no dia a dia pelo docente de forma mais dinâmica, reflexiva e interdisciplinar” (Oliveira; Santos, 2022, p. 93).

A oficina foi realizada visando auxiliar o fortalecimento e a construção do conhecimento geográfico, explorando e contemplando conceitos e fundamentos geomorfológicos e estabelecendo suas devidas relações com outras dinâmicas espaciais, entre elas as que exprimem maior dificuldade por parte do educando. Como parte da oficina, buscou-se elaborar e aplicar um jogo do tipo Quiz, pois, conforme destacado por Oliveira e Santos (2022), as diferentes atividades que podem ser realizadas nas oficinas podem contemplar jogos, brincadeiras e outras, executadas individualmente ou em grupo.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é investigar a compreensão dos alunos acerca da relação entre Geografia e Geomorfologia na interpretação do espaço geográfico, na construção do conhecimento geográfico, com vistas ao desenvolvimento e aplicação da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem. A utilização destas ferramentas pedagógicas visou auxiliar no enfrentamento de dilemas resultantes dessa dissociação em sala de aula, por meio da realização de oficinas, na qual inseriu-se o jogo didático.

METODOLOGIA

Para este trabalho, adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa, partindo, inicialmente, de observações feitas em sala. Segundo Silva *et al.* (2013), a pesquisa

qualitativa possibilita produzir conhecimentos acerca de pessoas, processos e lugares pelo contato entre o pesquisador e a realidade explorada. Na presente investigação, posiciona-se a sala de aula mediante o processo de ensino-aprendizagem e o educando como realidade e sujeitos observados, respectivamente.

Para além dos dados oriundos de observações, tanto nas aulas quanto na oficina e jogo didático, esta pesquisa fundamentou-se a partir do levantamento de bibliografias em periódicos, tanto acerca da Geomorfologia quanto voltadas ao ensino de Geografia. Assim, a pesquisa qualitativa mostrou-se fundamental, uma vez que, conforme reforçam Pereira e Coutinho (2023), ela dispõe de diversos elementos que dão suporte a estudos cujos objetivos centram-se em análises no processo de ensino-aprendizagem.

Tal percurso sustentou-se inicialmente na observação, ação que cumpre papel central na pesquisa qualitativa, uma vez que “A principal vantagem da observação está na facilidade de acesso aos dados na hora da coleta. O registro da observação é feito no momento em que esta ocorre e pode assumir diferentes formas, dentre a mais comum, a escrita” (Pereira; Coutinho, 2023, p. 996). Assim, foram realizados registros escritos conforme a imersão no âmbito escolar, à medida em que se exploravam os conhecimentos sobre os continentes no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

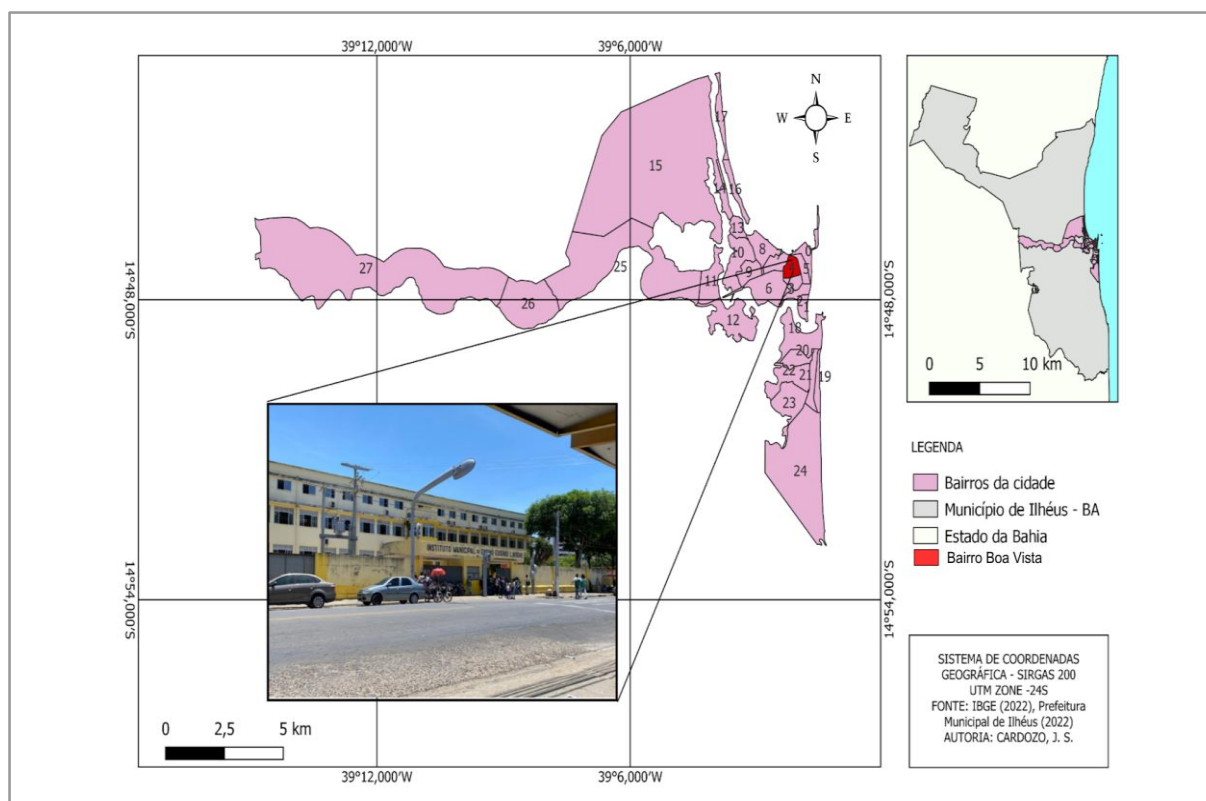
Após um período de observações e constatações de dilemas na construção do conhecimento geográfico, foi proposta a realização de uma oficina e jogo didático, intitulado como “Quiz Geomorfológico”. Para tanto, foi realizada uma revisão dos conceitos centrais à Geomorfologia e sua inter-relação com aspectos do espaço geográfico. Foram elaboradas perguntas de múltiplas escolhas, as quais compuseram o Quiz após a revisão conceitual.

Área de estudo

O estudo foi conduzido no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne, situado na Avenida Canavieiras, no Bairro Boa Vista na cidade de Ilhéus-BA (Figura 1).

Esta é uma instituição de ensino da rede pública do Município de Ilhéus, que atende o Ensino Fundamental - Anos Finais de diferentes localidades da cidade. Trata-se de uma das unidades de ensino mais antigas do município, integrando o arcabouço histórico de Ilhéus. Nela, foi possível identificar as lacunas na abordagem dos conteúdos de Geografia, que exigiam associações com o componente relevo.

Figura 1- Localização do Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne



Fonte: IBGE (2022), Prefeitura Municipal de Ilhéus (2022). Elaboração: Cardozo. J. S. (2025).

Neste contexto, ao longo do processo e em diferentes momentos, foram identificadas dificuldades que contribuíram para conhecer a realidade da turma. Nas ocasiões das observações, verificou-se que a falta de compreensão e associação com o componente relevo dificultaram o processo de ensino-aprendizagem de Geografia ao explorar os continentes Ásia e Europa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A interconexão entre Geografia e a Geomorfologia: a interface do relevo na produção e análise do espaço-geográfico

A Geomorfologia e a Geografia apresentam uma relação simbiótica, tendo em vista que “A geografia é a única entre as ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural).” (Silva, 2007, p. 7). Isso traz à tona a existência de um elo intrínseco entre o estudo do relevo terrestre, seus processos e a relação com a produção do espaço geográfico. Sendo assim, o relevo pode ser concebido enquanto um componente do estrato geográfico que é reflexo das interações naturais e sociais (Cassetti, 1991).

Neste sentido, o entendimento acerca do modelado da superfície é fundamental para a compreensão de dinâmicas que superam os processos estritamente geomorfológicos, visto que se trata de um componente que, por um lado, integra o meio físico e, por outro, apresenta um comportamento que influencia diretamente outras dinâmicas, tais como: a dispersão de fauna e flora, a ocupação humana, o desenvolvimento de atividades econômicas, a distribuição de recursos naturais, entre outros. Deste modo, é evidente que entender o nexo da relação Sociedade-Natureza pressupõe contemplar o relevo como parte fundamental e condicional a este processo de produção do espaço geográfico. Nesta perspectiva:

O relevo, como componente desse estrato geográfico no qual vive o homem, constitui-se em suporte das interações naturais e sociais. Refere-se, ainda, ao produto do antagonismo entre as forças endógenas e exógenas, de grande interesse geográfico, não só como objeto de estudo, mas por ser nele - relevo - que se reflete o jogo das interações naturais e sociais (Cassetti, 1991, p. 18).

Ao dedicar-nos ao estudo da Geografia, concebemos o espaço geográfico como sendo seu objeto de estudo, o qual é produzido e construído por meio das diferentes formas de interação da sociedade com os elementos constituintes da natureza, destacando-se o relevo. Nos referimos a algo que é resultado e produto das mais diversas formas de uso, apropriação, ocupação e modificação da natureza por meio do trabalho humano. Conforme destaca Ross (1996, p. 10), “o relevo terrestre é parte importante do palco, onde o homem, como ser social, pratica o teatro da vida”, logo, para o entendimento do dinamismo espacial, a Geomorfologia permite explicar a interface do relevo, subsidiando a Geografia para captar as interconexões entre a dinâmica das formas superficiais e os demais processos. Sendo assim, entende-se que:

É dentro deste pressuposto que a Geomorfologia é importante no contexto da ciência geográfica, já que os processos físicos são, em parte, responsáveis pela dinâmica do espaço, razão por si só suficiente para que a Geografia não os possa ignorar (Pedrosa, 2014., p. 4).

Ou seja, a interdependência e complementaridade entre a Geomorfologia e a Geografia são incontestáveis, uma vez que a própria dinâmica do espaço geográfico é fortemente influenciada pelas características geomorfológicas, embora não exclusivamente, visto que o objeto de estudo da Geografia é um produto de complexas relações e interações, de diferentes atores, fatores e agentes. Logo, é cabível e pertinente aprimorar o entendimento de que o relevo, enquanto elemento condicionante, tem uma participação crucial no desenvolvimento destas relações. Assim, considera-se que:

É preciso que se analise o ambiente de uma forma mais ampla para que se percebam todos os componentes que estão envolvidos nesta dinâmica de produção de paisagens e os quais compõem o meio por nós percebidos dando a ele este modelado que encontramos no nosso dia-a-dia, e que, muitas vezes, se desconhece qual a verdadeira origem do mesmo (Torres; Santana, 2009. p. 3).

No entanto, é comum encontrar a Geomorfologia sendo tratada de forma isolada no campo da Geografia, tanto na própria ciência quanto em seu componente curricular. Segundo Bertolini e Valadão (2015), são priorizadas conceituações e descrições, ao invés de apresentar o relevo como um ponto de convergência com outros processos.

Este problema aparece, em grande parte, pela intensa influência da Geografia Tradicional, ao compartimentar as áreas do saber geográfico. Isso representa, ainda na atualidade, um grande desafio ao geógrafo, professor ou bacharel, tendo em vista que uma análise e abordagem geográfica eficaz requer a construção de um olhar instrumentalizado, capaz de integrar os mais variados aspectos do meio e, consequentemente, do espaço geográfico.

Nesta perspectiva, é fundamental superar a tradicional fragmentação e compartimentação e inclinar-se em direção a uma visão holística, pois grande é o risco de cair na armadilha de analisar as formas e os demais elementos separadamente, tendo em vista que, para além da equivocada e errônea distribuição dos conteúdos em verdadeiras gavetas do conhecimento, ainda é perceptível que:

As formas de relevo podem transmitir a falsa ideia de que são componentes independentes na paisagem. Na verdade, elas e os demais componentes do ambiente estão interligados, promovendo ações, muitas vezes induzidas por influências mútuas, que, em maior ou menor intensidade, agem no sentido de criar uma fisionomia que, reflete, no todo ambiental ou em suas partes, um ou mais ajustes alcançados. Assim, a criação e evolução das formas de relevo não são dissociadas da presença e participação dos demais componentes do ambiente e sobre eles exercem sua influência. (Marques, 2001, p.27).

Sendo assim, é pertinente adotar uma abordagem holística ao analisar o espaço geográfico e as formas de relevo, de modo que se torne possível reconhecer as interações, associações e influências mútuas entre o espaço e a paisagem morfológica. Dissociar estes dois elementos pode tornar a análise espacial equivocada e simplista, de modo que as complexas interações e dinâmicas que moldam o estrato geográfico sejam comprometidas. Portanto, as formas de relevo e o espaço geográfico não são independentes, mas integram um dinamismo interdependente e sistêmico, responsável pela compreensão das dinâmicas naturais e sociais.

Dissociações entre o relevo e o espaço geográfico nos continentes: Distanciamento entre a Geomorfologia e a interpretação da Europa e Ásia

As imersões no ensino de Geografia permitiram verificar as consequências da ausência das associações entre o relevo e o espaço geográfico nos continentes e o quanto isso pode comprometer o entendimento de algumas dinâmicas do espaço geográfico, nos momentos em que se fazia necessário ter essas noções. Ao estudar os continentes Europa e Ásia, observou-se que os discentes possuíam dificuldades acentuadas em identificar as possíveis interconexões do relevo e outros elementos desses continentes, como a distribuição da população, das atividades econômicas, dos recursos naturais e afins.

Inicialmente, ao adentrar no estudo sobre a Europa, foram identificadas dificuldades de interpretação quanto à relação do relevo, os padrões de drenagem dos rios do continente e a influência da superfície sobre a disponibilidade e escoamento de água nestes corpos hídricos. Ao explorar as características de rios como o Reno, Volga e Danúbio, os discentes observaram que todos apresentam grandes volumes de água. No entanto, ao serem questionados sobre quais fatores atribuem essa característica a estes rios, as respostas foram limitadas à dinâmica do clima.

Observou-se que, em nenhum momento, foram estabelecidas noções de que as áreas planas e com menores declividades tendem a acumular e concentrar mais água e formar bacias hidrográficas mais densas. Sendo assim, as lacunas quanto a essas associações chamaram a atenção. Conforme destaca Pelech (2021), pensar os rios requer uma apreensão que considere a integração dos rios e o contexto geomorfológico, estabelecendo associações entre o entendimento do relevo e sua influência sobre a bacia hidrográfica.

Para além desses aspectos, entre os conteúdos, discutiu-se sobre o fato de estes mesmos rios e suas áreas de planície terem sido responsáveis por boa parte da ocupação na Europa, constituindo-se em outra característica que fugiu da interpretação integrada do relevo e a produção espacial no continente. Os alunos demonstraram dificuldades expressivas, a ponto de haver dilemas de interpretação quanto à relação da declividade de áreas montanhosas e planas e a densidade demográfica.

A concentração populacional é um outro elemento que se manifesta com maior expressividade nas planícies e em menor número nas regiões montanhosas, principalmente por serem mais viáveis quando consideramos as atividades econômicas. Como aponta Macedo *et al.* (2015, p. 2), "áreas planas e com disponibilidade hídrica são

largamente utilizadas para agricultura, enquanto áreas mais declivosas são menos valorizadas e, conseqüentemente, menos exploradas.”

A compreensão de que áreas planas e com maior disponibilidade hídrica são mais propensas e adequadas à ocupação e desenvolvimento de atividades econômicas é fundamental para entender a formação espacial do continente europeu e de determinados espaços. Isso se mostra evidente tanto ao considerarmos a maior estabilidade de áreas não montanhosas na Europa quanto ao potencial hídrico, tendo em vista que áreas mais baixas tendem a concentrar bacias hidrográficas mais densas. Desta forma, evidencia-se o potencial do relevo associado às relações que o homem desenvolve com o meio e a construção do espaço geográfico neste continente.

Essa conexão não foi evidenciada pela óptica dos discentes, o que implicou em acentuadas dificuldades na leitura geográfica integrada. Também, ao se debruçar nos estudos acerca do continente Asiático, constatou-se dificuldades relacionadas à influência de áreas elevadas no desenvolvimento de atividades econômicas e na delimitação de recortes territoriais. No caso da China, exemplificadamente, a rizicultura exige a construção de barcaças nas vertentes de áreas elevadas, tendo em vista que o relevo acidentado dificulta a execução desta atividade, diferente de locais de planície, considerando que:

As planícies, por sua dinâmica que envolve sedimentação e concentração de umidade, favorecem o desenvolvimento de determinadas culturas, como a do arroz. Poderíamos ainda referir-nos aos represamentos em que a água constitui o recurso natural diretamente apropriado, mas cujo aproveitamento está fortemente condicionado às características do relevo” (Venturi, 2008, p. 10).

No entanto, os alunos demonstraram não estabelecer noções de que o declive acentuado exige a adaptação a tais condições, tendo em vista que vertentes mais íngremes tornam processos como erosão e lixiviação mais potentes, ou seja, para o plantio de arroz, faz-se necessário a adoção destas estruturas como formas de tornar estas atividades mais resilientes à influência da superfície na qual elas se desenvolvem.

Tratando ainda dos estudos continentais, ao estudar os limites territoriais de alguns países da Ásia, contemplando as diferenças culturais e sociais, foi necessário, para além de entender o que são esses limites, lançar mão dos motivos que levaram a essas delimitações. Assim, fez-se pertinente pensar o relevo enquanto um dos fatores condicionantes para os processos geopolíticos imersos na dinâmica dos países asiáticos.

Neste sentido, cabe considerar que o modelado da superfície é um elemento estabelecido como uma das barreiras naturais, podendo viabilizar ou impossibilitar a

ocupação e o desenvolvimento de um povo em determinadas partes do globo, levando as povoações no continente a desenvolver comportamentos, conflitos, culturas e tradições que diferem umas das outras. D'Arrochella (2022) defende a premissa de que há um encontro entre as fronteiras naturais e o estabelecimento dos limites territoriais, focalizando o relevo do Himalaia como delimitação fronteira da China, Nepal, Butão, Paquistão e Índia, visto que:

Podemos afirmar que de certo modo, os limites territoriais desses quatro países tendo por base a Cordilheira do Himalaia, não são meras coincidências e, que fronteiras naturais, eram percebidas e contribuíram para que cada nação tivesse o próprio entendimento de seus limites (D'Arrochella, 2024, p. 12).

Neste sentido, cabe salientar que o relevo desta fronteira orogenética (que age sob a distribuição de chuva, de atividades econômicas, organização social dos países envolvidos) foi e ainda é decisivo para a construção das identidades territoriais, tendo em vista a sua influência sobre os modos de uso e ocupação da terra. Isso nos leva a retomar a afirmação de Casseti (1991), ao reforçar o papel do relevo como suporte das interações sociais e naturais, tendo em vista a sua influência direta nas dinâmicas humanas e ambientais.

No contexto deste limite orogenético, o relevo assume um papel crucial na definição dos padrões de assentamento humano e no desenvolvimento de atividades. Por exemplo, as áreas montanhosas podem exercer limitações quanto à agricultura e pecuária, deixando a produção à mercê de adaptações, como é o caso da implementação de terraços para o plantio de arroz na China. Ainda, a presença de cadeias montanhosas exerce influência nos padrões climáticos, afetando a distribuição de chuvas e, portanto, a disponibilidade de recursos hídricos. Como consequência, as atividades que dependem da água, como a agricultura irrigada, são condicionadas e afetadas por essa situação geomorfológica.

A organização socioespacial desses países é fortemente pautada pelo relevo, o que reflete em variadas formas de ocupar seus territórios, nos quais as estradas e ferrovias são pensadas para fins de minimização dos desafios de cunho topográfico, além dos tensores tectônicos. Tais associações apareceram como um grande desafio aos estudantes, que não compreenderam essas dinâmicas pela ausência de um olhar preparado para integrar o relevo e as dinâmicas humanas.

Assim, observa-se a necessidade de trabalhar perspectivas integradoras na educação básica para possibilitar a compreensão da relação entre estas infraestruturas e

a topografia, já que pensar o planejamento e ocupação da terra pressupõe pensar a Geomorfologia do lugar e suas nuances. Sendo assim, no que diz respeito à:

A presença da ciência geomorfológica e, mais especificamente, dos processos e formas inerentes ao relevo na Geografia Escolar, ocorrerá naqueles casos em que a problemática eleita como referência tiver o relevo como estruturador para a interpretação. O relevo será assim um elemento espacial “chave” para a interpretação da problemática espacial que se põe em tela. Contudo, para que se possa adjetivar essa interpretação como geográfica, é essencial o complexo exercício de identificação e compreensão de processos constituintes da espacialidade do fenômeno que se pretende estudar (Ascensão; Valadão, 2017, p.187).

Deste modo, tornou-se crucial considerar que as decisões voltadas ao planejamento urbano e territorial contemplam não apenas a condição do meio social, mas também as características físico-naturais ao abordar as relações entre o espaço asiático, o quadro físico-natural e geomorfológico, tendo em vista que estas esferas coexistem dentro da produção e transformação espacial. Assim, a interação exercida entre homem e relevo, sociedade e natureza não só molda o meio físico, mas condiciona as decisões para a adaptação humana, mediante a exposição a tais desafios impressos no quadro físico deste continente.

Neste sentido, é essencial considerar o potencial do relevo e sua influência mediante os outros elementos e processos ao abordar os conteúdos geográficos, inclusive o surgimento e desenvolvimento destas sociedades nos países asiáticos, pois o relevo e sua ocorrência são onipresentes (Venturi, 2004), ou seja:

De qualquer forma o relevo está presente em todos os lugares, independente das condições que se apresentem. Ao contrário dos solos, da vegetação e das águas que dependem de certos fatores para que ocorram no espaço e no tempo, o relevo enquanto forma sempre foi “onipresente” nas superfícies emersas ou não. Sua ocorrência é incondicional (Venturi, 2008, p.1).

Nesta ótica, é crucial entender que, desde a formação da crosta terrestre, o relevo passou a ser condicionante para vários outros elementos, tais como: o solo (que depende fortemente das características geomorfológicas); os rios (que relacionam-se com o modelado para determinar o escoamento superficial e subsuperficial, tendo ainda a vazão pautada pelas formas da superfície, nas quais estão estabelecidas as bacias hidrográficas); a vegetação (que, a depender das características geomorfológicas, associadas a outras, pode se desenvolver em maior ou menor densidade); além do próprio desenvolvimento do homem no decorrer da história, que foi fortemente condicionado pelas características topográficas e físico-naturais, de modo geral.

O componente relevo sempre foi um elemento imprescindível para o desenvolvimento e comportamento de processos que se estabeleceram no meio, sendo crucial aprendê-lo para entender o espaço geográfico. No entanto, é necessário ainda ressaltar que os mesmos elementos que foram influenciados pelo relevo respondem, em muitos casos, nos processos de transformação de suas formas; portanto, o modelado da superfície não apenas condiciona, mas é condicionado pelas interações entre diferentes elementos, entre eles o próprio homem na relação sociedade-natureza.

Estratégias para auxiliar na construção do conhecimento geográfico: Elaboração e aplicação do Quiz Geomorfológico e oficina Pedagógica

Com base no cenário vivenciado e nas dificuldades identificadas, buscou-se, por meio de articulações com a docente supervisora, elaborar uma dinâmica de intervenção na sala de aula. Ao refletir sobre qual método utilizar, optou-se pela escolha da oficina pedagógica, tendo em vista que:

São várias as atividades práticas que podem ser aplicadas na oficina como jogos, questionários, brincadeiras, dinâmicas, entre outras que podem ser executadas de maneira individual, como também em duplas ou grupos, promovendo a interação entre os participantes e torna o processo de aprendizagem mais divertido e agradável (Oliveira; Santos, 2022, p. 94).

Logo, associado à oficina, buscou-se desenvolver um jogo didático, especificamente a elaboração e aplicação de um “Quiz Geomorfológico”, assim intitulado. Nele, buscou-se explorar a desmistificação de conceitos da Geomorfologia, didaticamente transpostos e associados ao conteúdo pragmático trabalhado, no caso, os estudos continentais sobre Ásia e Europa, mediante as dificuldades de interpretação e leitura do espaço quanto aos acidentes geográficos do relevo da Europa e da Ásia e sua influência na configuração espacial.

Para tanto, o desenvolvimento e aplicação desta ação foi dividido em 4 etapas, conforme a ordem apresentada no Quadro 1. Grubel e Bez (2006, p.6) ressaltam a utilidade dos jogos nesse processo de treinamento ou reforço dos conteúdos escolares, visto que:

Jogos de treinamento também são muito úteis, pois se sabe que mesmo que o educando tenha construído o conhecimento através do seu pensamento ele precisa exercitar para praticá-lo, estendê-lo, aumentar a sua autoconfiança e familiarização com o mesmo.

Assim, a incorporação do quiz como participação no processo de ensino-aprendizagem revelou que o jogo pode ser uma forma de abordagem pedagógica inovadora, alinhada à atual necessidade educacional de tornar as aulas mais envolventes e participativas por meio de formas engajadoras de promover o aprendizado.

Quadro 1- Etapas de elaboração e aplicação do “Quiz Geomorfológico”

ETAPA 1 - Elaboração	ETAPA 2 - Elaboração	ETAPA 3 - Aplicação	ETAPA 4 - Aplicação
Identificação das lacunas a partir da observação durante as aulas de Geografia;	Pesquisa bibliográfica sobre conceitos básicos de Geomorfologia previamente identificados como lacunas, e elaboração de pequenos textos para compor a exposição, associados ao conteúdo pragmático “Ásia e Europa”;	Exposição inicial dialogada, tendo como base a introdução à Geomorfologia, principais conceitos, formas de relevo, relevo e espaço geográfico na Ásia e Europa;	Após a pergunta, as opções de respostas foram reveladas uma por uma. A cada opção, os grupos tinham o poder de levantar sua placa, mas, caso a resposta correta fosse revelada posteriormente, a resposta escolhida inicialmente não podia ser alterada;
Análise da abordagem dos conteúdos trabalhados no trimestre, com base no livro didático de Geografia utilizado pela turma;	Seleção do jogo didático do tipo “Quiz” com múltiplas opções de respostas e oficina como método de abordagem destes conteúdos;	Aplicação de atividade para identificar as formas de relevo a partir de imagens, associadas ao conteúdo exposto previamente;	Ao final, o grupo de maior pontuação recebeu uma gratificação. Os demais também foram gratificados pois o intuito do jogo foi não somente aprimorar o conhecimento da Geomorfologia e do espaço geográfico, mas, incentivar a participação de todos;
Identificação das principais dificuldades de associações.	Elaboração de atividade para compor a oficina e planejamento da aplicação.	Aplicação do quiz, no qual os grupos receberam 4 placas com opções das letras A até a E.	FEEDBACK: os alunos foram questionados quanto a satisfação pela aplicação da atividade. De modo geral, as devolutivas da turma e da docente supervisora foram positivas.

Fonte: Cardozo (2024)

Acredita-se que essa ação foi importante não só para cumprir o objetivo de reforçar, junto ao educando, os conteúdos trabalhados em sala e as dificuldades apontadas, mas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais, o que tornou essa experiência significativa, visto que os alunos puderam aplicar os conhecimentos já adquiridos e trabalhar suas dificuldades com o conhecimento sobre o relevo e suas relações com o estrato geográfico.

Vale destacar que foi fundamental realizar o planejamento para a realização da atividade, que revelou algumas das dimensões acerca da atuação docente. A experiência evidenciou que o planejamento é indispensável para o bom desenvolvimento de atividades docentes, visto que se tratava de duas horas-aula, tempo relativamente curto, e

levando-se em conta o fato de ainda estarmos inseridos no contexto educacional onde as ciências humanas têm sofrido com a redução de suas cargas horárias.

Isso exigiu considerar o tempo como um dos elementos controladores desta atividade, considerando que estávamos diante de:

[...] uma carga horária baixa que nem sempre seria possível o uso do lúdico devido ao tempo. A metodologia do jogo, portanto é uma forma interessante e desafiadora, pois visa a socialização entre os alunos, o desenvolvimento de atividades em grupos, a cooperação, a investigação, a busca pela resolução de problemas (Almeida; Oliveira; Reis, 2021, p.6).

Tornou-se imprescindível que houvesse a dedicação de um determinado tempo para planejar previamente a intervenção, considerando a iminente pressão exigida pelo curto espaço de tempo. A necessidade de planejar refletiu expressivamente no desenvolvimento da atividade, pois, como destaca Lopes (2014), o planejamento é responsável por dar ao docente a dimensão da importância de sua aula e os objetivos destinados a ela.

Desse modo, foi possível estabelecer e aplicar os objetivos que se desejava alcançar com a oficina e o jogo, os recursos utilizados, a metodologia etc. Neste sentido, observou-se que a ausência do planejamento poderia representar o fracasso desta atividade, ou, do contrário, ela seria realizada por meio do improviso, o que reflete atitudes que podem comprometer as atividades em sala. Conforme destacam Oliveira e Santos (2022):

Assim como qualquer atividade didática, a oficina pedagógica também requer planejamento e organização, levando sempre em consideração a base teórica epistemológica durante a sua execução (Oliveira; Santos, 2022, p. 92).

No decorrer da aplicação da atividade, foram identificados efeitos positivos, constatando-se um aumento na interação dos discentes, que antes se mostravam mais individualistas e, em alguns casos, pouco participativos. Neste contexto, considerou-se que:

Os jogos e as brincadeiras são situações de aprendizagem que propiciam a interação entre alunos e entre alunos e professor, estimulam a cooperação, contribuem também para o processo contínuo de descontração, auxiliando na superação do egocentrismo infantil, ao mesmo tempo em que ajudam na formação de conceitos. Isso significa que eles atuam no campo cognitivo, afetivo, psicomotor e atitudinal (Castellar; Vilhena, 2010, p. 44).

Durante a ação, foi perceptível que o jogo promoveu uma participação mais ativa, pois os alunos foram estimulados e incentivados a participar nos momentos nos quais tomaram decisões juntamente com seus respectivos grupos para a solução de problemas

na resolução das perguntas de múltipla escolha. Neste sentido, constatou-se o potencial da oficina pedagógica no processo de construção do conhecimento, pois:

A adoção da oficina pedagógica como instrumento didático proporciona uma aprendizagem mais significativa, uma vez que requer um envolvimento maior dos participantes durante o processo de construção do conhecimento, de maneira mais dinâmica e interacionista (Oliveira; Santos, 2022, p.92).

Essa atividade foi fundamental para perceber que os jogos podem ser eficazes para tornar a sala um ambiente dinâmico, o que favoreceu a construção do conhecimento de forma participativa e compartilhada entre os discentes, que geralmente são mais individualistas.

É crucial considerar o jogo didático como um método para aumentar a participação e o engajamento discente no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, é necessário atentar-se para que este método esteja diretamente associado ao conteúdo pragmático e não se resuma ao teor de brincadeira. Trata-se de um procedimento metodológico que pode ser um instrumento essencial para identificar dificuldades e/ou facilidades no educando. Portanto, o estímulo à participação não deve se resumir apenas ao jogo didático, considerando que ele é apenas uma das possibilidades, mas a ludicidade deve e pode ser explorada em diferentes contextos e momentos oportunos planejados pelo docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizagem da Geografia no contexto escolar, em sua interface com a Geomorfologia, revelou-se desafiador, particularmente no que se refere à leitura e interpretação integrada do espaço geográfico. Notou-se, nesse contexto, que a compreensão da influência do relevo encontrava-se fragilizada, comprometendo o entendimento da articulação entre os fatores físicos e humanos nos estudos continentais.

Esta experiência evidenciou o quão fragmentadora tem sido a Geografia Escolar, ao apresentar os conteúdos em questão distanciados do entendimento do relevo. Logo, esta tem sido uma prática que torna a Geografia cada vez mais compartimentada. Como resultado, há uma redução da interpretação de dinâmicas do espaço e da paisagem nele contida. A experiência foi essencial para reforçar a necessidade de revisar, visitar e integrar conhecimentos sobre o relevo, os quais podem parecer particulares, mas vinculam-se diretamente a outras dinâmicas espaciais.

Apesar de ser uma ciência autônoma, a Geomorfologia tem estreita relação com a análise geográfica, pois ambas as ciências apresentam complementaridades essenciais às suas respectivas análises de dinâmicas espaciais. Sendo assim, há uma necessidade de superação de abordagens, materiais didáticos e metodologias que fragmentam estes dois ramos do conhecimento, pois o relevo é uma base essencial para a compreensão de diferentes conceitos e processos de natureza geográfica.

A imersão no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, por meio do PIBID, permitiu a identificação destas lacunas e evidenciou as necessidades de adotar abordagens mais integradoras e contextualizadas no ensino de Geografia, sem dissociar os elementos do meio físico e social. A ausência de uma leitura crítica e holística do espaço geográfico é, de fato, um grande obstáculo a ser superado, especialmente quando o processo de leitura geográfica na educação exige a consideração de múltiplos fatores que estão, de certo modo, diretamente interligados, a exemplo do relevo e da configuração espacial dos continentes.

Como foi perceptível, esse problema se estabeleceu muito em função da maneira como o conteúdo pragmático aparece nos livros didáticos ou pelos métodos adotados no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a iniciativa de adotar outras duas metodologias (jogo didático e oficina) e explorar novas fontes de conteúdos capazes de apresentar o relevo e o espaço como um sistema integrado foram essenciais na mitigação destes dilemas.

Sendo assim, a oficina e o jogo didático são métodos potencialmente eficazes, incentivando a participação e a aprendizagem integradora e mais participativa, consolidando conhecimentos, exercitando a leitura do espaço, integrando o relevo e as dinâmicas sociais, políticas, econômicas e outras. Portanto, a experiência vivenciada no âmbito escolar reforça a importância de explorar e adotar novas formas de abordagem e ensino para a Geografia, possibilitando aos alunos uma leitura crítica, significativa e integrada do espaço geográfico, tendo em vista as complexas interações entre relevo, sociedade, homem e natureza.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), as contribuições para a pesquisa e a formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. S.; OLIVEIRA, P. B.; REIS, D. A. The importance of didactic games in the teaching-learning process: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14309>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- ASCENSÃO, V. O. R.; VALADÃO, R. C. Por uma geomorfologia socialmente significativa na geografia escolar: uma contribuição a partir de conceitos fundantes. **Revista Acta Geográfica**, Boa Vista. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/4780>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- BERTOLINI, W. Z.; VALADÃO, R. C. A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. **Terra e Didática**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 27–41, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637500>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CASSETI, V. **Ambiente e apropriação do relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.
- CASSETI, V. **Elementos de Geomorfologia**. Editora da UFG, 1994.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. São Paulo, Editora Blucher, 1980.
- D'ARROCHELLA, M. Os elementos do relevo como fronteiras naturais na definição de limites territoriais. **Humanidades em Revista**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 141–156, 2024. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/11636>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- FLORENZANO, T. G. **Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais**. Oficina de textos, 2016.
- GRÜBEL, J. M.; BEZ, M. R. Jogos Educativos. **Renote**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14270>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- LOPES, A. T. R. **A importância do planejamento para o sucesso escolar**. 2014. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/429/1/%C3%82ngela%20Tenilly%20Ribeiro%20Lopes.pdf>. Acesso em: 17 fev 2024.
- MACEDO, D. R. *et al.* Como o relevo explica a ocupação humana e suas relações com a biodiversidade aquática em bacias hidrográficas de empreendimentos hidrelétricos? In: Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, 21., 2015, Brasília. **Anais...** Brasília: ABRH, 2015. p. 01-08. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285590709_Como_o_relevo_explica_a_ocupacao_humana_e_suas_relacoes_com_a_biodiversidade_aquatica_em_bacias_hidrograficas_de_empreendimentos_hidreletricos. Acesso em: 03 ago. 2026.
- MARQUES, J. S. Ciência geomorfológica. In: CUNHA; GUERRA; CUNHA. (Orgs.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**, p. 23-50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- OLIVEIRA, A. O. S. A.; NUNES, J. O. R. Contextos e significados do relevo para o ensino de geomorfologia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, SP, v. 1, n. 31, p. 127–147, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7444>. Acesso em: 28 abr. 2024.

OLIVEIRA, M. G. M.; SANTOS, I. S. Oficinas pedagógicas e aprendizagem significativa no ensino de geografia. **Revista Ensino de Geografia**, Recife, v. 5, n. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/article/view/84-105>. Acesso em: 17 fev. 2025.

PEDROSA, A. S. A geomorfologia perante a ciência geográfica: algumas reflexões. **Sociedade & Natureza**, v. 26, n. 3, p. 409-417, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/mYbydSS5Jn3W6Zr9RLHmfWw/?format=html&lang=pT>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PELECH, A. S. Classificações geomorfológicas de rios: uma breve discussão teórica. **William Morris Davis - Revista de Geomorfologia**, Sobral, CE, v. 2, n. 2, p. 1–27, 2021. Disponível em: <https://williammorrisdavis.uvanet.br/index.php/revistageomorfologia/article/view/126>. Acesso em: 18 mar. 2026.

PEREIRA, C.; COUTINHO, D. J. G. Pesquisa qualitativa na área da educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 992–1001, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8803>. Acesso em: 16 mar. 2026.

ROSS, J. L. S. **Geomorfologia**: ambiente e planejamento. Editora Contexto. São Paulo. 1996.

SANTOS, A. F. L. Proposta didático-pedagógica para o ensino de geomorfologia na educação básica. **Boletim de Geografia**, Maringá, PR, v. 40, p. 399-417, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/63263>. Acesso em 16 mar. 2025.

SILVA, R. C. F. *et al.* A importância da didática para o processo de ensino-aprendizagem na geografia: um destaque para o ensino de geomorfologia, 2022. In: SILVA, F. R.; BARRA, O. A. O.; PACHECO, C. S. G. R. (Orgs.). **Novas dimensões da geografia**: ensino, práticas e pesquisas. Campina Grande, PB: Editora Amplla, 2022, p. 35-42.

SILVA, S. H. P. Geografia física e geografia humana: uma dicotomia a ser superada? **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, São Luís, v. 4, n. 4, 2007. Disponível em: https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/411. Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA, J. M.; MENDES, E. P. P. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G. J. **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 173-190

SILVA, R. F. *et al.* A geomorfologia na interface com o ensino de geografia. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 13., João Pessoa, 2013. **Anais...** João Pessoa: ENPEG, 2013. p. 6190-6202. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359560908_A_GEOMORFOLOGIA_NA_INTERFACE_COM_O_ENSINO_DE_GEOGRAFIA_uma_proposta_de_didatica_para_o_relevo. Acesso em: 03 ago. 2026.

TORRES, E. C.; SANTANA, C. D. Geomorfologia no ensino fundamental: conteúdos geográficos e instrumentos lúdico-pedagógicos. **Geografia**, Londrina, PR, v. 18, n. 1, 2009. Disponível em: https://sgbeduca.sgb.gov.br/media/professores/geomorfologia_ensino_fundamental.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025.

VENTURI, L. A. B. Os diferentes significados do relevo no ensino da geomorfologia. In: VENTURI, L.A.B. **Ensaaios geográficos**. São Paulo: Humanitas, 2008. p.75-90.